

I.D., 52 anos, casada, profissional de seguros, Cancro da mama em 2005

Sou profissional de seguros e há cerca de pouco mais de três anos, aos 49, ao fazer o habitual check-up, que a minha Seguradora proporciona aos seus trabalhadores, foi-me detectado um nódulo no seio direito.

Imediatamente fiz uma biopsia que veio a confirmar que o nódulo era maligno e que seria necessário retirar o seio.

O nódulo tinha 12 mm, não era muito grande, mas apesar disso a decisão médica foi de fazer mastectomia total porque sou portadora de uma insuficiência cardíaca. Já tinha substituído uma válvula (mitral) em 1984 e estava numa lista de transplantes ao coração. Seria uma forma de não agravar o meu estado de saúde já que, se fizesse cirurgia conservadora da mama, teria que fazer radioterapia o que poderia prejudicar a insuficiência cardíaca.

Não é fácil saber que temos um cancro. Que temos mais uma doença que é maioritariamente fatal. Senti que me tinham anunciado o fim da vida. Todos temos a certeza de que não somos eternos, que a nossa vida acaba, mas pensamos que esse momento ainda está longe. Ao ouvir esta notícia, achei que o meu momento estava para breve. Senti que a vida não estava a ser justa para mim. Os meus filhos ainda eram muito jovens para ficarem sem a mãe e o meu marido já tinha perdidos os pais. A mãe tinha morrido de cancro.

A notícia de que o peito me seria amputado não era boa, mas o que mais temi foi a morte. Foi a pior notícia que tive até hoje. O futuro assemelha-se negro. À partida pensei que tinha poucas hipóteses de sobreviver. Achei que estava em desvantagem em relação às outras doentes, porque não podia fazer os mesmos tratamentos (quimioterapia e radioterapia), logo a esperança de vida era muito menor.

Caiam por terra as expectativas de uma vida com melhor qualidade que tinha sonhado para depois do transplante cardíaco.

Apesar de saber que era uma operação de elevado risco, estava preparada para a aceitar e aceitar os tratamentos pós-operatórios, que

sabia não serem nada fáceis. Não estava preparada para ouvir que tinha um cancro. E um cancro no seio.

Fui mãe de duas crianças e amamentei-as até aos 6 meses. Dizem os estudos que a probabilidade de cancro do seio neste caso é menor, eu contrariei esse estudo.

Passei por momentos difíceis. Tive medo. Medo da dor, da degradação de vida e principalmente da morte.

E foi com o apoio do meu marido, que me disse que juntos iríamos ultrapassar mais esta fase. Nas palavras de conforto e de esperança dos meus amigos, e na confiança que depus na equipa médica, que acreditei que havia uma solução para mim. Que voltei a acreditar que enquanto há vida há esperança.

Encontrei muitos amigos, que já não via há algum tempo. Falei com eles sobre o assunto, porque falar ajudava-me a libertar os meus medos. Quase todas as pessoas têm ou conhecem alguém que infelizmente teve cancro. Ao ouvir as suas histórias fiquei mais confiante, com forças para continuar a lutar.

Interiorizei que os meus filhos e marido precisavam de mim. Que não lhes podia mostrar que estava com medo. Passei-lhes uma imagem de optimismo, confiança e alegria. Tentei não valorizar muito a doença.

Só na véspera do meu internamento é que disse aos meus filhos que se tratava de cancro, maligno, e que iria tirar o seio. Disse-lhes que era um procedimento normal, que não envolvia riscos e que tudo iria correr bem.

Recordo-me dos seus rostos quando ouviram a notícia. Dos seus olhos que começaram a lacrimejar e no esforço que fizeram para não chorar. Portaram-se como uns homens. Passaram por um período igualmente difícil, mas nunca mostraram o medo à minha frente. Eu por outro lado, tentei brincar com a situação, para que não sofressem tanto.

Foi operada a 7 de Janeiro de 2005. A operação foi um êxito. Passados poucos dias estava em casa, junto da minha querida família.

Só em casa é que olhei pela primeira vez para o meu corpo. Em frente ao espelho vi-o, pela primeira vez, mutilado.

Faltava-me um seio.

Pensei que a imagem iria ser pior. Consegui aceitá-la embora a tristeza seja muita. Mais uma marca no meu corpo. Apresentava-se agora marcado como de uma cruz se tratasse e à qual faltava um braço.

Levantei a cabeça. Tinha de viver com esta situação. Tentei não pensar muito sobre o assunto e aceitar o meu corpo tal como estava. É mais importante estar viva. Esta é uma deformação que só quem está intimamente ligada a nós, é que sabe. A prótese disfarça bem.

Os tempos que se seguiram foram de exames que têm vindo a ser satisfatórios. O tratamento tem sido à base de comprimidos diários (hormonoterapia) e durante os dois primeiros anos de injeções trimestrais na barriga.

Entretanto, passaram-se já três anos. Fui retirada da lista dos transplantes cardíacos e submetida a nova operação ao coração. para substituir a válvula. Neste momento estou a aguardar por uma outra, desta vez para reconstrução do seio.

Sempre que me tenho de despir, no ginásio, no médico ou quando vou à praia, procuro esconder o meu corpo para evitar magoar as pessoas com a imagem da sua deformação.

Será a quinta cirurgia que faço. Poderia evitá-la não fosse o facto de sentir que a falta do seio me inferioriza como mulher. É uma forma de voltar a recuperar a auto-estima e de me voltar a sentir uma mulher *quase* completa.

Quanto ao resto, tenho tentado acima de tudo ser feliz. Passei a dar mais importância à família e aos amigos. Vivo com qualidade de vida.

Vivo cada dia que passa com intensidade e agradeço todos os dias a Deus, por me ter concedido mais um dia.

A vida continua e espero ainda viver muitos dias.